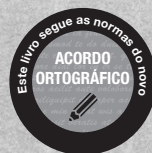
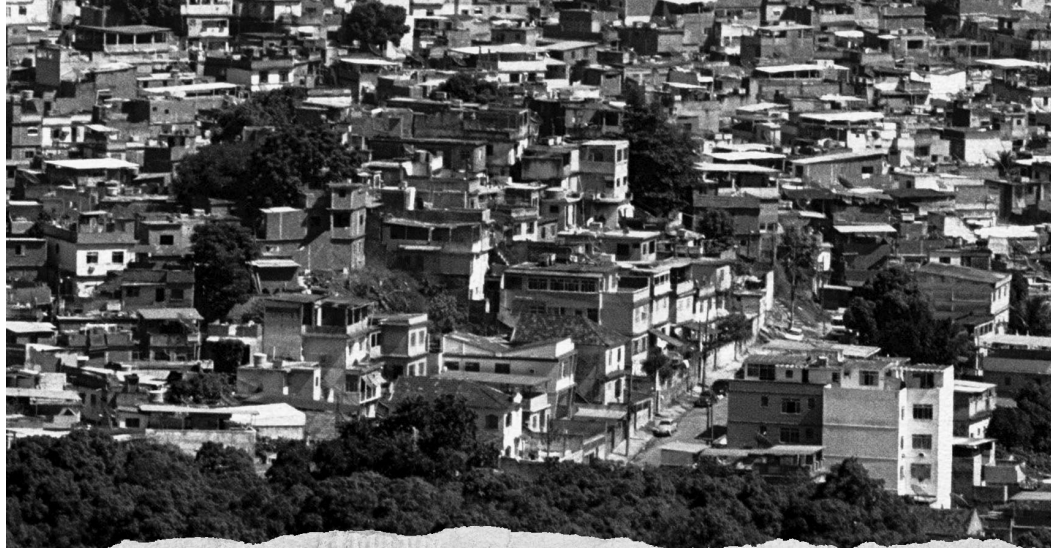




O LIVREIRO DO ALEMÃO



Otávio Júnior

O LIVREIRO DO ALEMÃO



© 2011 Otávio Júnior

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de arte
Alex Yamaki

Capa
Sérgio Campante

Projeto gráfico
Alex Yamaki

Preparação de texto
Ronald Polito

Revisão
Carmen T. S. Costa
Alessandra Miranda de Sá

Impressão
Bartira

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O96L

Júnior, Otávio
O livreiro do Alemão/ Otávio Júnior. - São Paulo: Panda Books, 2011. 80 pp.

ISBN: 978-85-7888-103-0

1. Otávio Junior. 2. Otávio Júnior – Livros e leitura. 3. Ler é 10 - Leia favela (Projeto). 4. Alemão, Morro do (Rio de Janeiro, RJ) – Condições sociais. 5. Penha, Morro da (Rio de Janeiro, RJ) – Condições sociais. 6. Crianças pobres – Livros e leitura. 7. Incentivo à leitura – Rio de Janeiro (RJ). 8. Livros e leitura – Rio de Janeiro (RJ). I. Título.

10-0003

CDD: 923.6

CDU: 929:364.4-053.2

2011

Todos os direitos reservados à Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./ Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

Aos meus pais, grandes incentivadores.

A todas as crianças das periferias do Brasil, em especial as dos Complexos da Penha e do Alemão.

Também para Ricardo Gomes Ferraz, que transformou sua casa localizada numa favela do mangue, no Recife, na Livraria Guardiã, único espaço de leitura da comunidade. Uma inspiração!

Sumário



Apresentação.....	9
1. O primeiro livro.....	17
2. Um livro à luz de velas.....	21
3. <i>O jardim secreto</i>	27
4. Tá vendendo picolé?.....	35
5. O meu anjo da guarda.....	43
6. Ler é 10 – Leia favela.....	49
7. Na corda bamba.....	59
8. Dormindo com Lygia Bojunga, Ruth Rocha e Ziraldo.....	63
9. Guerreiro da literatura.....	67
10. Onde estará <i>Don Gatón</i> ?.....	71
Epílogo: A libertação.....	75

APRESENTAÇÃO

As 25 crianças estavam sentadas na lona azul e nas duas esteiras de praia que estendi no chão de uma sala de aula do Espaço Ibiss, na Vila Cruzeiro. A Vila Cruzeiro é uma comunidade do Rio de Janeiro famosa pelo histórico de violência e por ser onde nasceu o jogador Adriano “Imperador”. Tinha acabado de contar uma história para as crianças e agora todas estavam entretidas com os livros distribuídos para leitura. Acho que poucos ouviram o primeiro tiro. Mas o estampido me deixou preocupado. Os tiros foram se sucedendo e as crianças começaram a ficar apavoradas. Olhavam, assustadas, para os lados e pela janela.

– Olha o caveirão! – alguém gritou lá de fora.

Era o carro blindado da PM que estava se aproximando. Tive de interromper a leitura e levei as crianças para um lugar mais seguro. Nem deu tempo de recolher os livros.

Os confrontos foram se repetindo naquele ano de 2007. Não conseguia mais reunir os garotos. Nenhuma mãe queria ver os filhos fora de casa e o meu projeto Ler é 10 – Leia favela ficou ameaçado de acabar.

Quem mora ali no morro sabe que há medo, há angústia, há desespero. Mas também há um desejo enorme de superação. Superar a violência, superar o preconceito de morar num dos locais mais violentos do Rio de Janeiro, superar a falta de perspectivas. O Complexo do Alemão tem uma população de 140 mil pessoas e abrange 20 comunidades. São 14 grandes favelas na zona Norte da cidade, que ganharam o nome da maior delas. Eu nasci e moro até hoje no Morro do Caracol, no Complexo da Penha (vizinho do Complexo do Alemão), uma dessas 14. A Vila Cruzeiro é outra delas. Vejo homens armados por todos os lados, já tive amigos aliciados por criminosos, e uma bala perdida invadiu a minha casa, deixando uma marca na parede em cima da minha cama. O que nunca vi foram cadáveres.

Naquele maldito ano de 2007, os conflitos ficaram acirrados. Era bala pra cima, bala pra baixo. Fiquei sem sair de casa vários dias. Por ironia, foi o período em que mais produzi. Escrevia, escrevia, escrevia para esquecer a tensão. Escrevia para não morrer sufocado.

De todos os morros do Rio, o Alemão era considerado aquele com maior ausência do poder público. Meu bairro foi construído sobre a Serra da Misericórdia. Ele faz

vizinhança com Ramos, Inhaúma, Olaria e Bonsucesso. Na década de 1920, um imigrante polonês chamado Leonard Kaczmarkiewicz comprou terras aqui. Nessa época, um curtume (lugar em que se processa o couro dos animais) foi aberto ali e várias famílias de operários se instalaram no local. Sem entender a língua dele, os operários passaram a tratá-lo como “Alemão”. Por isso é que a área ganhou o nome de Morro do Alemão. Poderia ter sido Morro do Polonês... A área começou a ser invadida em 1951, quando Kaczmarkiewicz loteou o terreno para vendê-lo em partes.

Eu nem era nascido quando o tráfico de drogas começou a ganhar força no Rio de Janeiro. O que eu sei é que uma das primeiras favelas a ser dominada pelo tráfico foi justamente a do Morro do Alemão, junto com a da Mangueira e a do Jacaré, na década de 1970. O Brasil virou rota da droga que saía dos países da América do Sul em direção à Europa. Havia uma oferta grande, e os bandidos, que antes assaltavam bancos, descobriram na cocaína um mercado mais lucrativo. Por isso, o negócio cresceu tão depressa. Mas ninguém fica contando essas histórias por aí. É como se a droga já fizesse parte do nosso cotidiano

desde sempre. Nasci com ela disseminada por todos os cantos. Na favela, todas as crianças conhecem desde cedo a gíria do pessoal, que é “fica ligado”.

O que assusta de verdade quem mora aqui é o aumento da violência. Nos anos 1990, os grupos armados começaram a brigar entre si pelos melhores pontos de venda. Eles se armavam para enfrentar as outras gangues. Viravam pequenos exércitos. Para revidar, o outro grupo precisava ficar mais forte, com armas mais potentes. É isso que os jornais chamam de “guerra do pó”. Mesmo presos, alguns chefões continuavam dando ordens de dentro da cadeia. O Estado sempre demorou muito a agir. De vez em quando, as favelas são invadidas pela polícia. Numa dessas megaoperações, em 2007, a polícia invadiu o Alemão e matou 19 pessoas. Houve muitas críticas à ação dos policiais.

Dentro das comunidades, alguns traficantes mantêm certo assistencialismo em troca de respeito. Dão presentes para as crianças (nunca livros!), compram botijões de gás para as famílias, ajudam com material de construção para os barracos. Por isso, a delação é o maior dos pecados que um morador pode cometer. É sinal de ingratidão